

Vida-escrita-inclusão-formação: a arte de ensaiar e compor pesquisa em educação a partir dos encontros

Ribetto, Anelice Astrid ¹

Silva, Rafaela Corrêa ²

RESUMO

Este artigo narra um recorte da escrita-pesquisa que ensaia um processo de tessitura dos encontros na vida entre uma *professora transitante* e outros desconhecidos. Nossa intenção é problematizar os processos de escrita e composição, a partir do encontro na diferença, encontros estes que reverberam a singularidade da atenção a um trabalho que aposta em outros modos de ver, sentir e conviver com aquele que vem sendo narrado como sujeito de falta. Uma escrita com outros, que narra, ensaia e cartografa aquilo que se passa entre uma professora que se (trans)forma nos encontros com Nickolas e que, por meio da arte, caminha e problematiza *compassos-descompassos-atravesados* com fotografias e palavras-conceitos que se criam no encontro de alteridade, que afeta a vida e a formação docente.

Palavras-chave: encontros; vida; educação inclusiva; formação docente.

Life-writing-inclusion-training: the art of rehearsing and composing educational research based on meetings

ABSTRACT

This article narrates a section of writing-research that rehearses a process of weaving encounters in life between a *transiting teacher* and other strangers. Our intention is to problematize the processes of writing and composition, based on the encounter in difference, encounters that reverberate the singularity of attention to a work that relies on other ways of seeing, feeling and living with that which has been narrated as a subject of lack. A writing with others, which narrates, rehearses and maps what happens between a teacher who (transforms) herself in her encounters with Nickolas and who, through art, walks and problematizes *mismatches crossed* with photographs and

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do programa de Pós-Graduação: Processos formativos e desigualdades sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ-FFP. Email: anelatina@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1137124063566744>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1097-4880>.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestra em Educação pelo programa de Pós-Graduação: Processos formativos e desigualdades sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ-FFP. Atua como professora de Apoio Educacional Especializado nas Redes Municipais de Niterói e São Gonçalo. Email: srafaelacorrea@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6649841389938080>. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5110-5645>.

word-concepts that are created in the alterity encounter, which affects life and teacher training.

Keywords: meetings; life; inclusive education; teacher training.

Vida-escritura-inclusión-formación: el arte de ensayar y componer investigaciones educativas a partir de encuentros

RESUMEN

Este artículo narra una sección de escritura-investigación que ensaya un proceso de tejido de encuentros en la vida entre una *maestra en tránsito* y otros extraños. Nuestra intención es problematizar los procesos de escritura y composición, a partir del encuentro en la diferencia, encuentros que reverberan la singularidad de la atención a una obra que se apoya en otras formas de ver, sentir y vivir con aquello que ha sido narrado como sujeto de falta. Una escritura con otros, que narra, ensaya y mapea lo que sucede entre una profesora que (se transforma) en sus encuentros con Nickolas y que, a través del arte, camina y problematiza *desajustes cruzados* con fotografías y palabras-conceptos que se crean en el encuentro de alteridad, que afecta la vida y la formación docente.

Palabras clave: reuniones; vida; educación inclusiva; formación docente.

UM CONVITE AFETUOSO

Este artigo narra um recorte da experiência de uma pesquisa concluída em um programa de pós-graduação em educação, de uma universidade pública brasileira (Corrêa, 2017). Escrita que desenha a implicação da vida de uma professora *transitante*, na intenção de tentar compor uma teia. Teia que ganha forma e linha pelos caminhos, espaços-tempo, trocas de conhecimentos, encontros, territórios de pensamentos, coletivo de trabalho e grupo de orientação coletiva. As linhas tecidas na pesquisa ganham forma e potência em traçados e com respiros que se apresentam nos entres da escrita. Traçados de vida, que entrecruzam as relações da construção da pesquisa, os efeitos dos encontros e da afetação do presente. Traçados de meio, que recriam o desejar da pesquisa, que ao menos tentam escrever os meios de uma pesquisa-intervenção atenta aos processos. Traçados de encontros, onde



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

nascem os *compassos-descompassos-atravesados* assumidos como um, outro e um outro, permeados por várias composições, que denunciam o movimento emergente e em trânsito do pesquisar. E traçados de achados, nos quais emergem os deslocamentos e conceitos ao longo da escrita, que enunciam modos outros de encontrar, pesquisar e escrever.

Estar juntos para fazer durar o mundo; para retirar a sombra da cada vez mais impaciente aceleração da vida; para que, ao fim e ao cabo, exista mundo. O contrário cheira a uma aspereza impossível de suportar, um tipo de 'não' a tudo, mesmo quando inicialmente tenhamos dado o 'sim' (Skliar, 2011, p. 33).

Esses encontros aconteceram, acontecem e, talvez, acontecerão nos espaços-lugares de relação, pensamento e trabalho docente. Um ato necessário de estar disponível, de um estar juntos como propõe Carlos Skliar. No encontro com outros. Outros desconhecidos. Majoritariamente nomeados, comumente resumidos por ausências, pelo discurso da falta, uma mania do rótulo. O entre: encontro com uma criança diagnosticada com retardo mental e epilepsia, o encontro com pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista e os encontros com gentes e gestos na Sala de Recursos Multifuncionais. Desses encontros, nasce uma pesquisa atenta aos acontecimentos e que, a partir do método da cartografia, pensa o ato de escrever, produzir, pesquisar e ensaiar em educação. Como seria cartografar encontros, gestos, sentimentos que atravessam a vida? Uma pista: aqui a palavra "método" não caracteriza algo linear e, por isso, não é exatamente um caminho para saber sobre as coisas. Ele é, na verdade, um modo que expressa e denuncia uma questão primordial: a potência do pensamento, suas curvas, desvios e estranhamentos. Assim, com a cartografia não se busca estabelecer um caminho linear para confirmar um fim (Kastrup, 2009), mas sim, investigar o processo de produção de conhecimento. É nesse sentido que a cartografia proposta por Deleuze e Guattari (2005) indica ser uma postura ou uma disponibilidade compatível com o objetivo de investigar e acompanhar a experiência de intervenção com os encontros e ensaios a que estamos abertos, dispostos e sensíveis a realizar e a escrever.

Nestas linhas estamos disponíveis e iremos nos alongar e elucidar as miudezas de um desses encontros, aquele com uma criança diagnosticada com retardo mental e epilepsia, permeando a possibilidade de uma escrita outra, onde se encontram passagens do Caderno de Escritas e Descolamentos



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

(Corrêa, 2016), um diário de pesquisa que acompanha os processos da investigação, com textos, músicas, fotografias e imagens poéticas, como uma aposta a outra política da narratividade, pensada “[...] como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece” (Passos; Barros, 2009a, p. 151).

Todo encontro ordinário, portanto, está exposto à possibilidade de uma reviravolta instantânea que pode projetar tudo para fora dos eixos. É como se a própria vida se sentisse abalada por esse vinco em que uma experiência ordinária é dobrada junto a outra, a extraordinária. Pressentimos que a efetiva complexidade da experiência dos encontros depende do que se passa nessa dobra, razão pela qual é preciso buscar sua explicitação. Cada um sente e exprime a seu modo essa ocorrência simultânea de linhas divergentes (Orlandi, 2014, p. 3).

Encontrar o outro para encontrar a si mesmo, ver e (des)ver aquilo que não tinha visto ou não tinha coragem de ver, nem tampouco escrever, dizer e sentir. O encontro ordinário é a possibilidade de transformar o método em problema, apostando na filosofia da diferença de Deleuze, e na criação. “Pesquisar é criar, e criar é problematizar” (Corazza, 2004, p. 27). O esforço da cartografia consiste, frequentemente, em relevar problemas e criar termos, alterar, mudar e manter o pensamento em movimento. Cartografar “[...] implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas” (Deleuze, 2010, p. 91), aquilo que o mobiliza e potencializa a prática cotidiana e consiste na expressão dos processos, sejam palpáveis ou não. Processo este que nunca é dado, e sim, criado pelo meio do caminho, com indícios da potência de invenção da vida e da existência, uma forma de estar no mundo, na vida e na educação, ressignificando conceitos e práticas.

Entre compassos-descompassos-atravessados

Um compasso-descompasso-atravessado experienciado

Em novembro de 2009, encontrei-me com outros – neste momento, com um jovem de 14 anos diagnosticado com deficiência intelectual e epilepsia, irmão do meu namorado. Um contato inesperado, desesperador e inquietante.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Encontro entre o possível e o impossível. Eu saberia lidar? Enquanto namorada de um irmão de uma criança com determinado diagnóstico, como lidar? Como cuidar? Como seria a vida futura? Pensamentos que cruzaram meu corpo, meus choros, meus não sorrisos de preocupação. O movimento de pensar sobre este fato, escrever e sentir aquela avalanche de medos e questionamentos, não é natural, nem tampouco simples. Tornar esses fatos visíveis é tornar-me visível. Como em Skliar (2010, p. 105),

[...] la convivencia no puede ser entendida apenas como una negociación comunicativa, como una presencia literal, física, material de dos o más sujetos específicos puestos a 'dialogar'.

Um momento que nos leva a pensar a relação com o outro, a relação de *alteridade* (Skliar, 2010). Relação esta que não se estabelece necessariamente na tranquilidade, numa serenidade do encontro. Uma relação que se constitui com o possível, com aquilo que se tem, se apresenta e se produz no entre corpos, linguagens e relações. No entre dois, três ou mais, como expressão de um coletivo. Um processo que envolve os *entre vidas* que se apresentam a mim mesma e constituem incessantemente.

O mistério do outro, o poder de sua alteridade. Não há relação com o outro se seu rosto é ignorado. Ainda que consideremos como um corpo-objeto, ainda que façamos do outro uma simples anatomia e simplifiquemos o mundo que ele expressa, e também sua expressividade (Derrida, 1987, p. 414).

Relação que se estabelece pelo desconhecimento do outro. Uma possibilidade de ver o outro, afastando-se de *a priori* ou olhares pré-estabelecidos por algum diagnóstico, um comentário, um papel que defina algo ou alguém, (des)ver o olhar que marca e “[...] que silencia o outro” (Moysés, 2001, p. 172). Ou, pelo menos, colocando os *a priori* e os diagnósticos como problemas. Uma possibilidade de sentir e conviver com aquele que se apresenta no presente, em suas incompletudes, permitindo-se aos dilemas que virão no ato de viver e conviver consigo e com o outro. Sentimento com *perturbação, inquietude, conflito, turbulência, diferença e alteridade de afetos*, como bem desenha o querido Carlos, em suas palavras:

Alteridade significa estranhamento, perturbação, alteração, acaso. E desconhecimento. Mas, não o conhecimento que está

a ponto de ser conhecido, de intumescer-se, de submergir-se, de afogar-se. O desconhecimento é o estado permanente do desconhecido (Skliar, 2014, p. 149).

Estranhamento que se deu em meio a um encontro inesperado com a deficiência do outro, com aquilo que foge às normas. “O que escapa às normas, o que não vai bem, o que não funciona como deveria... tudo é transformado em doença, em problema biológico individual” (Moysés, 2001, p. 176). Deficiência pré-estabelecida e definida sobre o corpo do Nickolas, assim pensava. Deficiência esta que deslocou o problema para mim. Problema que se transformou em questão central na minha relação com ele, com o mundo. Uma palavra que vem provocando constante pensamento em nós, como bem sinalizou uma das vozes que compõem a potência do coletivo em uma orientação coletiva. A expressão “problema”, que geralmente vemos como um imperativo para a resolução. Ou seja, um problema não pode continuar por si só, mas precisa necessariamente ser resolvido. Entretanto, essa dimensão do problema vem perdendo espaço, tomando outro rumo, com um auxílio de Deleuze e Guattari (1992), como algo a se manter vivo, vibrante e não resolvido, para nos manter vivos, manter vivo um campo pensante, pulsante, movente.

Talvez uma *inabilidade* de lidar com aquilo que se encontra fora dos padrões e conteúdos estabelecidos de antemão. A deficiência como falta, como problema a ser resolvido, parecia estar alojada em meu olhar. No meu toque. Meu olhar definindo o outro deficiente, que geralmente funciona como depositário de todos os males do mundo e da vida (Duschatzky; Skliar, 2000). E como driblar esses males? Como determinar a capacidade e/ou a habilidade de lidar com o desconhecido? Não há. Por desconhecer, eu não determino. Penso junto a Carlos Skliar (2011) sobre o educar como possibilidade de conversar e encontrar desconhecidos. Na intenção de não exatamente conhecer os desconhecidos a partir de uma ciência técnica e sim, continuar doando a desconhecidos, ou seja, educando. Uma lógica não linear de encontrar, conversar, educar.

O desconhecido desarma. Aqui, “Desconhecido não é o limite negativo de um conhecimento. Esse não saber é o elemento da amizade ou da hospitalidade infinita do outro” (Derrida, 1998, p. 17). O encontro, na perspectiva que ensaio nesta escrita, é condição de ser outro, manter-se o

desconhecido daquilo que geralmente se rotula, explica e racionalmente se resume em palavras e características. Síndromes. Quadros. Doenças. Uma relação com o outro que desconheço e não regulo, nem tampouco domino.

A noção da expressão problema e do coletivo em uma pesquisa potencializa a escrita e a vida. Potência essa que se expressa em um coletivo de forças que, entre suas atividades, orienta coletivamente pesquisas de graduação e pós-graduação, e propõe encontros semanais entre professora-orientadora, mestrandas, doutorandas e bolsistas de Iniciação Científica. Nesse território de pensamento, compartilhamos escritas, textos e contribuimos com uma leitura atenta, cuidadosa, seguida de orientações.

O que arriscamos, nesta escrita, é contar esse encontro entre desconhecidos (Skliar, 2003). Contar e desenhar os contornos que a vida vai apresentando, rever conceitos, renunciar, redirecionar, resistir. Exercício de resistência junto àquilo que transborda em nós, o que somos, compomos, vivemos, acreditamos e sonhamos. Sonhar outros sonhos... É possível? Alguns pesadelos foram renunciados, redirecionados a um caminho que eu não acreditaria, nem tampouco suspeitaria. O envolvimento foi ganhando força e potência nos encontros e movimentos de afastar-me e aproximar-me dessa possibilidade. A primeira pergunta, que ecoava em mim, era: - Por que ele não está na escola?

Essa pergunta acompanhava-me em cada passo da minha jornada. Foi meu primeiro passo na sensação confusa entre aproximação e afastamento do contexto educacional chamado de especial. Pergunta que “me tirou do chão”. Um gesto próprio da relação de alteridade, que me levou a pensar sobre os marcos jurídicos e legais que permeiam as relações estabelecidas no âmbito da deficiência e dos direitos. Como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), n. 13.146, que diz em seu Art. 4º “[...] toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação” (Brasil, 2015). No que diz respeito ao direito à educação,

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único: É dever do Estado, da família,



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (Brasil, 2015).

No âmbito do direito à Educação, temos a Educação Especial, que é a “[...] modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (Brasil, 1996). Quando falamos de escolarização de pessoas com deficiência, estamos falando da regulamentada política de inclusão. Inclusão que é entendida tradicionalmente como “a entrada nas classes comuns de ensino regular” dos alunos que compõem o “público alvo da educação especial”. Incluir, na perspectiva do Direito, dos marcos legais, é geralmente o discurso que move pessoas, trabalhos e pesquisas. É o discurso jurídico hegemônico e atual no campo educacional. E assim foi para mim. Meu primeiro movimento veio pautado nesse discurso. Por que ele não está na escola?

Pergunta esta, que me levou a mover-me no mundo, a buscar e entender a clareza da situação, os porquês e as justificativas que aparentemente pudessem me acalmar. Apenas aparentemente. A minha busca era a calma, mas ela veio em passos de movimento. Movimento, este, que provocou os *compassos-descompassos-atravesados*. Como pensa José Saramago em depoimento no documentário Janela da Alma (2001), “[...] para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta”. Ver os outros ângulos, outros modos, outras possibilidades. Dar a volta. Acalmar, que nada! Estava enganada. À medida que ia perguntando, aproximando-me, investigando, a calma ia embora, dando lugar a um querer-pensar-fazer-experimentar outras respostas às minhas perguntas.

O que restou foi estudar, dialogar e argumentar. Fui pesquisar em mim um outro alguém que nem eu mesma conhecia. Incluir em mim alguém que eu acreditara que não existia. Incluir em mim a palavra inclusão. Como pode? Como assim? Como incluir? Em seguida, no mesmo momento, refletir em mim a palavra inclusão. Dar outros sentidos à repetida e ecoada “inclusão”, que aqui neste texto ganhará outras formas de construção e expressão de *estar juntos* (Skliar, 2009). Outras formas que traçam contornos talvez menos definidos e imprecisos que o sentido majoritário dado à “inclusão” pelo discurso jurídico,



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

mas que, precisamente, é no gaguejo do *estar juntos* que o encontro com o outro pode ser narrado em outra língua, que não apenas a jurídica.

Estar juntos, estar entre vários, estar entre diferenças não é consequência de uma relação jurídica, nem do voluntarismo cego por sua probidade, nem de algum virtuosismo particular: trata-se da contiguidade entre os corpos – quer dizer: o roçar, a fricção, a carícia, o toque, etc. – cujo limite é duplo: não poderia derivar para a assimilação ou para a fusão de dois corpos, nem para a violação ou para o ultraje do outro (Skliar, 2014, p. 35).

A pergunta “Por que ele não está na escola?” ficou inquieta e um pouco silenciosa nos anos seguintes. E a vida foi rodando. Como numa roda gigante, me vi pensando na vida e nos caminhos percorridos. Qual chão pisei? Alguns passados, que se faziam presentes e me ajudaram, e ainda ajudam a entender um estar juntos na educação, antes mesmo de iniciar um trabalho focado na educação inclusiva. Quais práticas e modos de estar na escola já enunciavam essa perspectiva de estar juntos em alguns caminhos percorridos? Então, decidi reviver, escrever e arriscar uma escrita.

O Encontro com o outro nomeado Nickolas

Os olhos como espelhos de si

Neste momento, ensaiamos o narrar-compôr de um certo estranhamento em meu olhar, meus gestos, pensamentos, marcados em meu próprio corpo.

*Quando me vi, estava ali
Com medo de algo que não sabia dizer.
Com ansiedade de sair daquele lugar
que eu mesma me coloquei.
Repleta da dificuldade de lidar com o outro
e o desconhecido tudo diferente ao que
um dia eu sonhara conviver
(Corrêa, setembro, 2016).*

Contar aquilo que se passa entre os momentos da vida é um risco. São momentos de transição, transposição de valores, atitudes e modos de ver, ser e sentir que tanto definem o que somos no mundo, e o que fazemos de nós. Resolvi assumir esse risco quando elegi contar, escrever e ensaiar um



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

encontro com a deficiência instaurada em quem vos narra escrevendo. Arrisco-me na medida em que escrevo aquilo que disparou em mim um outro modo de ver o outro. O outro que ganha sentido como desconhecido e numa tentativa de lhe atribuir exatamente este sentido, sigo tentando e narrando essa possibilidade.

O encontro com Nickolas, conhecido, marcado e nomeado por seu diagnóstico nas palavras de familiares como *Pessoa com Deficiência – portador de Retardo Mental e Epilepsia* –, povoou em mim uma devastação de muros que impediam um olhar outro, das cordas que amarravam meus pensamentos e das gaiolas que me impediam de voar por outros territórios. Neste momento, uso a expressão *Pessoa com Deficiência – portador de Retardo Mental e Epilepsia* para expressar o tamanho do peso no olhar e resistência na convivência com a deficiência, naquele contexto, por parte da família do Nickolas, impregnado também nos meus olhos. Olhos meus que exalavam um olhar digno de pena, da solidão, da falta, de uma incapacidade tamanha. Um discurso de ausências. Um vazio discurso. *Um discurso-vazio*. Resumindo uma vida tomada por um futuro estagnado e ausente. Um presente sem futuro, sem expectativas. Como poderia roubar esse fardo carregado por Nickolas? Essas palavras, até aquele momento, eram estranhas ao meu vocabulário e o convívio era quase nulo. Nulo de saber, de interesse e aproximação. Palavras conhecidas, mas que se tornaram estranhas. Um processo de estranhamento intranquilo e incômodo naquela situação. Um olhar carregado de saber e não saber. Lágrimas que corriam pelo meu rosto prevendo um futuro incerto, uma inabilidade desconhecida até então. Foi à flor da pele. Mexeu com meu corpo, meu sentir, meu temor. Uma espécie de não saber inquietante. Aquele choro desesperador. Minha visão ficou nublada.

Pelos meus olhos, via em Nickolas o resumo daquilo que não podia aceitar em mim. O preconceito. Os *a priori*. A tamanha dificuldade em lidar com o desconhecido. E, também, a tamanha facilidade em tornar tudo conhecido aos olhos de quem vê. Torná-lo conhecido transmitia-me uma certeza do amanhã. Certeza inválida nos caminhos da vida. Certeza que passou a habitar meus dias, cada vez mais como incerta.

[...] para nós, o Outro só aparece em cena como objeto de ação: reparação, regulação, integração e conhecimento; para o Ocidente e para nós, trata-se antes de tudo de identificá-lo, de fazê-lo visível e enunciável, de registrar, detectar e diagnosticar suas semelhanças e suas diferenças, de calibrar sua



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

integração, suas ameaças, suas bondades e sua periculosidade, de legislar seus direitos e obrigações, de regular seus agrupamentos, seus deslocamentos, entradas e saídas. E se o buscamos, o desejamos e o necessitamos é em boa medida para isso, para – atuando sobre ele – fazê-lo intérprete, testemunho, réu e prova de nossa universalidade, para que encarne, também ele, nosso olhar, para que em suas palavras ressoe nossa voz e nossa linguagem, encobrindo assim, nesta espécie de fria ligação interativa da universalidade, nossa miséria, nossa soberba, nossa arbitrariedade, nossa mortalidade e finitude (Placer, 2001, p. 88).

Algumas questões foram disparando quebras. Como poderia conviver com esse desconhecido? Como deixar de nomeá-lo *Deficiente portador de Retardo Mental e Epilepsia*? Parar de nomeá-lo também seria parar de vê-lo dessa forma? Precisaria de outros olhos? Olhos que naquele momento julguei impossíveis de adquirir. Como se assim fosse possível adquirir outros olhos. Então, entristeci.

Esse movimento de entristecer não é natural, nem tampouco simples. Tornar esse fato visível é tornar-me visível àquilo que não controlo. Não domino. Não comando. Apenas encontro. Encontro este que parte da perspectiva de estranhamento. Não necessariamente aquilo encarado como estranho. Estranhamento, aqui, pensado como aquilo que pode escapar, produzir dobras, abalar os emaranhados de sentidos possíveis. O que se leva para um encontro? Como prever uma exposição ao não vivido? O nunca experimentado? O não tocado? O não pensável? Será para sempre não, até que se quebre essa barreira. Barreira que ele me guiou a quebrar. Quem é Nickolas? É essa uma pergunta que me pergunta?

Vou sair de si
Para sair-te de ti
Para entrar-te em mim
Para pensar-te em ti
Para encontrar-te em nós
(Corrêa, outubro, 2016).

O mal-estar estava instalado em mim. Uma espécie de incômodo. Perturbação. Talvez sejam essas as palavras. O Nickolas foi ganhando potência para me encontrar. E esse encontro transbordou-se. Como um copo

de água que não para de pingar. Com águas duras e tensas que jamais imaginei que estariam guardadas por aqui, gotas que refletiam a minha prática e o jeito de estar no mundo. Vale lembrar que esse acontecimento se deu antes da minha entrada na graduação em Pedagogia, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Neste momento, não estava pensando desde alguns dispositivos conceituais. Estava ali, entregue...

[...] o pensamento é um modo da sensibilidade e da paixão em relação aquilo que comove a alma e a deixa perplexa [pois] nessa relação sensível e apaixonada com aquilo que faz pensar, o pensamento é também uma aprendizagem (Larrosa, 2000, p.127).

Meus pensamentos como aprendizagem. Como disparo daquilo que começou a me mover, tocar.

Aquela deficiência estava alojada onde eu não sabia. Não imaginava e não queria pensar. Em meu corpo. Nos gestos. No meu olhar, meu toque. No meu pensar. No meu pouco saber. Na pouca aproximação com o desconhecido. Um desconhecido que desestrutura, que desarma o jogo. Eu parti nesse jogo. Entrei para conhecer o desconhecido e torná-lo conhecido. Comecei a pesquisar, buscar sobre o tema, o diagnóstico, literatura médica, possibilidades de tratamentos, remédios e alternativas que lhe cabiam como chamada *Pessoa com Deficiência – portador de Retardo Mental e Epilepsia*.

Nestas pesquisas, fui fazendo a transição de nomenclatura utilizada para esse tipo de diagnóstico sob a minha ótica. Agora, chamava-se *Pessoa Deficiente Intelectual de grau severo e com Epilepsia*. Nomenclatura assumida por mim no entre estudos e leituras, forma pela qual me dirigia a ele nos espaços de diálogos em sociedade.

Essa transição foi a primeira abertura e aproximação de um movimento de quebra de barreira do preconceito que ali estava estabelecido em mim. Um movimento pautado no interesse em gaguejar possibilidades outras para ele e tanto para meu olhar contaminado com muitos medos e *a priori*. Os *a priori* que não nos abandonam facilmente, estão afixados, impregnados em nós. Alguns pesadelos que assustavam minha aproximação foram renunciados, redirecionados a um caminho que eu não acreditava nem tampouco suspeitava. O envolvimento foi ganhando força e potência nas idas e vindas de



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

afastar-me e aproximar-se dele. Uma pergunta que ecoava em mim e direcionou muitas das minhas inquietudes e descobertas sobre mim mesma.

Por que aquele menino de 14 anos não estava na escola? Pergunta que me “tirou do chão”. Um gesto próprio da relação de alteridade. Uma produção de alteridade em nós. Da relação que ali estava se estabelecendo entre mim e ele e outras coisas, gentes e influências. Pergunta que me conduziu a forçar o pensamento pelo discurso legal e os direitos legitimados do chamado público-alvo da educação especial. Ele era um. Um dos alunos que deveria estar na escola. As práticas de inclusão deveriam ser suas companheiras diárias. As atividades adaptadas deveriam ser constantes na sua vida escolar. Sentia-me presa a um discurso dominante. Presa a amarras de uma tal inclusão que é falada e re-falada nos contextos escolares, universitários e congressistas. Como um nó atado de forma angustiante. A angústia me despertava para um lugar que eu ainda não sabia onde. Um olhar de des-olhar. Até este momento, eu ainda não havia olhado sequer para ele. Para o olhar dele. Nem ao menos escutado a voz. Nem observado seus gestos.

Meus olhos estavam abertos, mas inconscientemente fechados. Eu não via. Não enxergava para além do que estava a um passo da minha frente. Minha atenção era voltada para seu corpo que me parecia estranho. Medidas estranhas. Movimentos incomuns. Eu só conseguia ver esses moldes. Precisei me despir. Tirar a máscara de um olhar sujo entranhado em mim (Corrêa, setembro, 2016).

Como se meus olhos e ouvidos estivessem congelados e direcionados a um outro ponto que não era ele. Eu não estava ali com ele. Era como se estivesse na posição contrária. De costas. Alguma coisa ainda me faltava. Não estava satisfeita nem tampouco convencida com o modo como enfrentara essa situação. Resolvi trocar de posição. Virei-me de frente. Na procura de uma relação de um olhar mais frontal.

Sentei ao seu lado, ele estava ali, olhei, era o Nickolas. Um menino alto, de pés grandes, teimoso, que não gosta de tomar banho, adora relógio, senta de pernas cruzadas, toca violão, ama música, assiste DVD, acorda tarde, vive cantando, se irrita às vezes, se espelha em muitas coisas que falo e gosta da minha atenção. Pela primeira vez eu estava falando dele. Eu estava pensando nele. O Nickolas. Fui olhar para tudo aquilo que antes havia deixado escapar, como areia nas mãos.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Vi-me em frente a um Nickolas outro. Um outro Nickolas que não havia visto. Com histórias. Com vontade. Com implicâncias. Com medos. Com sorrisos.

*Como é por dentro outra pessoa
Como é por dentro outra pessoa
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Como que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.
Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo (Pessoa, 1990, p. 159).*

Então, resolvi olhar para os gestos. Resolvi tecer, capturar momentaneamente uma linguagem. Olhar-te nos olhos. Ver além das amarras hegemônicas, globalizadas e dominantes dos discursos em sociedade. Sentar, conversar, conviver, olhar. Via-me pensando sobre o olhar. Naquele momento precisei debruçar-me sobre isso. Com o querido Skliar, pude inquietar-me vibrando, suas palavras chamavam-me à conversa. Quando escreve sobre “Educar la mirada” (2009), atenta para o olhar, essa sensibilidade humana que exerce tamanha marca nas relações que estabelecemos. Os efeitos do olhar de quem olha e para onde direciona este olhar.

Sabemos que há miradas que ven borrosamente, que manchan y miradas asesinas, que matan. Por eso insisto tanto em trabajar sobre las miradas que posibilitan, que acompañan, que ayudan, que donan un tiempo y um espacio al otro. Miradas, em síntesis que por un lado no permiten la existencia de otro y miradas que abrenhes a posibilidad. Demás está decir que hay miradas que impiden, que estorban, que prohíben, que niegan, que hielan... [...] ‘Educar la mirada’ también es um ejercicio de repensar y reelaborar cómo miramos a quien miramos (Skliar, 2009, p. 2).

Desdobrando-me nesse ato, comecei a pensar sobre o que diz respeito à convivência. Perguntar sobre a convivência foi se tornando uma questão importante em minha mente. Uma convivência que pressupõe a existência de



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

perturbação, incômodo nas relações entre um, dois ou mais. O que eu ali estava fazendo?

O termo 'convivência' obriga-nos a um primeiro ato de distinção: trata-se daquilo que se distingue entre diferentes seres e que provoca, diante de tudo, contrariedade, receio, desconforto, perturbação. Se não houvesse estranhamento, a pergunta pela convivência nem sequer nasceria, porque conviver é, essencialmente, estar em meio a intranquilidade, permanecer na turbulência, tensionar-se entre diferença, revelar alteridades, não poder dissimular desconfortos (Skliar, 2014, p. 35).

Estava sendo tocada. Estava sendo afetada por um efeito de abertura a uma linguagem de gestos. Um desarranjo nos *a priori* existentes em mim. Uma intranquilidade revestida em serenidade. Uma tal serenidade turbulenta que revela alteridades, aquilo que produzimos no encontro com o outro. É no encontro que elas, as alteridades, se apresentam. Uma alteridade revestida em corpo. Um corpo que fala, conversa, comunica, grita. Um corpo-linguagem que geralmente não é considerado linguagem. O mesmo corpo, a mesma linguagem que se anuncia como sujeitos disparadores nas relações com o mundo. Não se pode negar que “[...] efetivamente, existem corpos e linguagens dos quais se fala e corpos e linguagens que falam, que tomam a palavra, que se arrogam a virtude de dizer” (Skliar, 2014, p.38). Algo aconteceu e, ali, via o corpo de Nickolas falando. Pude ver também uma linguagem rebuscada, incômoda, que disparava em mim uma outra pessoa. Comecei a reescrever essa história. A relação. Nossa relação. Meu olhar. Meus gestos. Possíveis linguagens. Na tentativa, como pensa Foucault, de escrever “[...] para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido” (Larrosa; Kohan, 2002, p. 13). Busco nesta escrita a transformação do meu saber, inclusive duvidar, questionar, para produzir outros saberes em mim.

O mundo. Um homem da aldeia de Noguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir aos céus. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas. — O mundo é isso — revelou —. Um montão de gente, um mar de fogueirinhas. Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo (Galeano, 2002, p. 11).

Como narra Galeano, fazendo uma analogia, eu comecei a pegar fogo, um fogo louco. Pegou na pele. Manchou. Incendiou de um jeito que me tomou. A invasão vem de todos os lados. E também, nos deixando invadir por *a priori*. Não se engane, não é humanamente possível se despir por completo de todos eles e essa não é a intenção. O que podemos é voltar a olhar, com atenção. Torná-los um problema. Colocar em questão. Como nos convida a pensar Pérez de Lara (2001, p. 198), “Estamos invadidos de saberes e discursos que patologizam, culpabilizam e capturam o outro, traçando entre ele e nós uma rígida fronteira que não permite compreendê-lo, conhecê-lo nem adivinhá-lo”. Este distanciamento emerge de relações construídas nos espaços de formação que atravessam a vida. Não nos é interessante nos aproximar dele para ver seu rosto, escutar sua voz e ver-nos em seu olhar. As relações que produzimos no contemporâneo cada vez mais nos afastam desses singelos gestos. Só nos seria,

[...] possível perceber, escutar e adivinha o outro, abrindo nossos sentidos e fazendo pensar a nosso próprio coração sobre a perturbação que em nós produz sua possível presença. Isto é, refletindo sobre a ilusão de normalidade que nos impede de conhecer-nos, refletindo sobre o fato de que se olhamos para fora, onde o outro não está porque está em mim, nunca o conheceremos (Pérez de Lara, 2001, p. 198).

Ando pensando que não sei muitas coisas. Quero encontrar em casa praça um novo sorriso. Um outro choro. Um outro sabor. Um outro cheiro. Quero experimentar as possibilidades do sentir (Corrêa, outubro, 2016).

Respiros...

Como narrar encontros outros, escritas outras sem pensar em Clarice? Que com sua literatura entranha no mais íntimo da natureza humana. Pelas suas palavras, volto a me olhar, me vejo a pensar. ‘Eu reduzida a uma palavra? Porém, qual palavra me representa? Uma coisa sim que eu sei é que eu



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**

<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

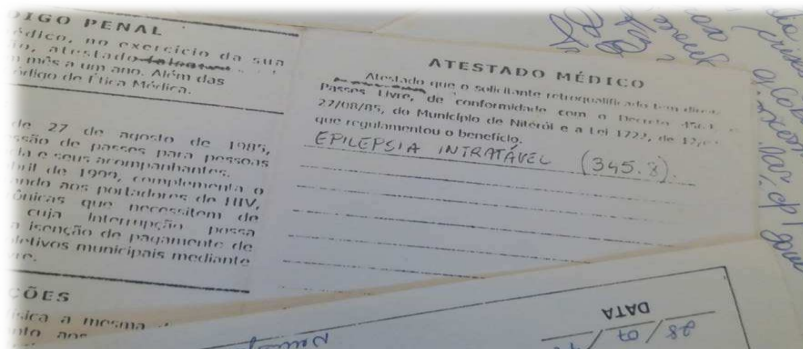
*Vida-escrita-inclusão-formação:
a arte de ensaiar e compor pesquisa em educação a partir dos encontros
não sou meu nome. Meu nome pertence aos que me chamam'
(Lispector, 1999) (Corrêa, novembro, 2016).*

Um, dois, três Nickolas, outros Nickolas

Essas palavras que nomeiam as fotografias não são de autoria própria. Os ângulos das fotografias, sim. Aqui, assumo uma não neutralidade em minha prática fotográfica. Até porque, será que a fotografia pode não dizer, ou se dizer neutra? Essas imagens fotográficas foram selecionadas por um olhar que sugere uma reflexão. A fotografia, aos olhos de quem tem o poder do *click* da câmera, pode ser livre ou direcionada, compondo-se por uma prévia seleção, ou até mesmo, uma seleção posterior.

As fotografias que circulam nesta escrita, se entrelaçam nesses dois pontos de organização e planejamento. São tiradas de forma intencional, mas sem foco, direção, e são selecionadas, analisadas posteriormente pelo olhar de quem as problematiza. As fotografias são utilizadas como dispositivos deste processo de escrita, pesquisa e problematização, buscando dar potência ao próprio ato de ver, olhar e registrar. Nesses diferentes ângulos, trato aquilo que é dito intratável, como definitivamente possível de estabelecer relação. Relação esta que proponho contando os Nickolas que venho conhecendo ao longo dos anos. Quero, nas fotografias, as coisas invisíveis enxergar, para fazer delas um problema. Uma potência. Uma possibilidade. Uma vida.

Fotografia 1 – Intratável



Fonte: arquivo pessoal, novembro 2016.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Como lidar com algo intratável? Essa palavra carrega em si um significado? Ou seria um efeito? Um efeito que marca. Marca vidas. Marca relações. Como relacionar-me com aquilo que é considerado por algo ou alguém, de antemão, intratável?

Flexionando a palavra, temos o termo “*in*”, denominado pela língua portuguesa como um prefixo indicativo de negação, com sequência da palavra tratável, que ganha sentido: “Que se pode tratar; Que é de trato agradável; Lhano; afável” (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

Em síntese, ao usar essa expressão, digo, e dou efeito a ela, de algo intratável, que não se pode tratar, que não é de trato agradável, que não é afável. Para esclarecer, podemos usar outros sinônimos da palavra afável, como amável, gentil, delicado. Ou seja, não é amável, não é gentil e não é delicado. O significado, em si, aqui não é foco. E sim, o efeito que essa expressão ganha na relação vida-mundo-sociedade. O uso dessa expressão causa um certo efeito variante em cada mente ouvinte. Efeitos que se materializam no olhar, no toque, na aproximação, no afastamento, no gesto e no comportamento das pessoas. Quando partimos desse pressuposto, conseguimos ver o quanto podemos inviabilizar relações apenas com o uso de certas expressões que encarnam um prévio afastamento e impossibilidade de tratamento. Aqui, a palavra tratamento ganha sentido no que diz respeito às relações humanas, ao relacionar-se com outro e não em seu sentido clínico usual, comum entre os médicos.

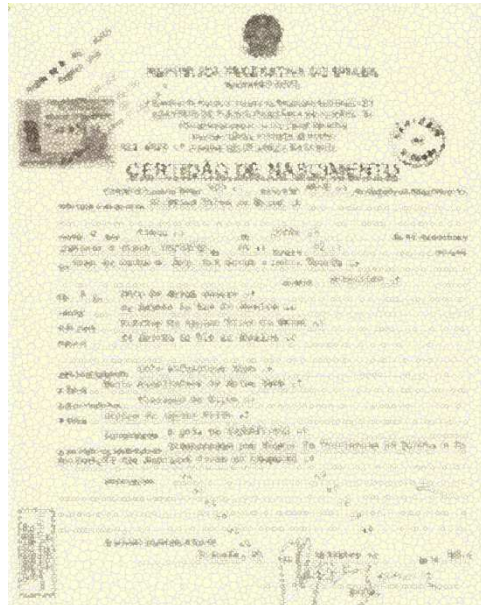
Em algum momento da vida de Nickolas, lhe foi atribuída essa expressão, que marca, que suja, que afeta. E de que efeitos estamos falando? Pergunta esta realizada por uma professora. Do efeito que lhe é atribuído, um efeito que afasta. O efeito que surge na experiência singular de leitura dessa expressão. Um efeito que marca. O efeito do som dessas letras, que assusta. Ando por aí, vendo outros Nickolas que não se resumem a essa expressão. Ando por aí problematizando com outras pessoas essa expressão. Por isso venho inventando outras formas de pensar essa relação. Uma forma nada usual de tratar essa expressão. Escrever.

Fotografia 2 – Existência Legal



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>



Fonte: arquivo pessoal, outubro 2016.

A certidão de nascimento é um documento cujo conteúdo é extraído do assento de nascimento lavrado em um livro, aos cuidados de um cartório de Registro Civil. O ato de assento do nascimento de uma pessoa corresponde à numeração da mesma, que será feito no livro próprio de registro civil de nascimento (nascidos vivos). O assento da certidão de nascimento é realizado apenas uma vez, quando ocorre o nascimento da pessoa. É este registro de nascimento que dará visibilidade ao nascimento com vida de determinada pessoa, conferindo-lhe existência legal para exercer a atividade cidadã, no qual também lhe serão atribuídas obrigações, além de adquirir direitos. Uma certidão de nascimento pode ser emitida no Brasil em dois formatos: em breve relato, que traz os dados principais inscritos no livro de assentamento, ou em inteiro teor, que reproduz o assento de nascimento em sua integralidade, palavra por palavra.

O peso dessa fotografia se expressa no teor de importância que ela carrega. A certidão de nascimento carrega, em si, uma marca. Marca esta que não define nem tampouco assume o risco de nomear precocemente os chamados deficientes. Pela existência legal, pelo próprio trâmite da lei do



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

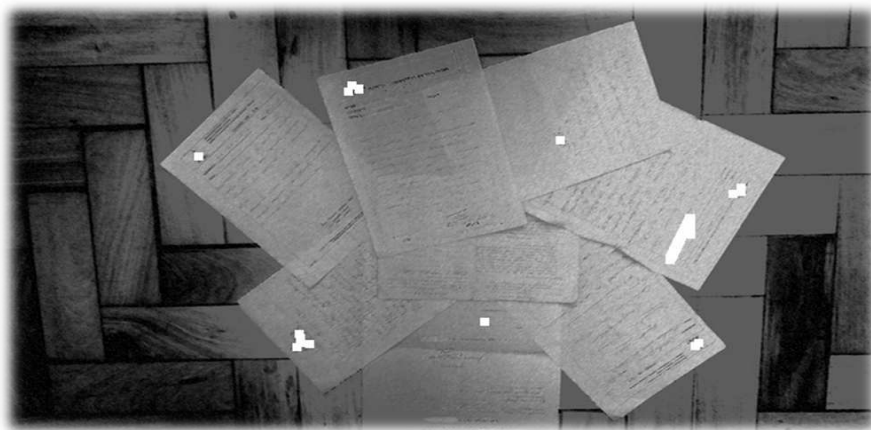
nosso país, o indivíduo nasce e segue nos caminhos de identificação, que lhe concedem obrigações e também direitos. Pela certidão, por esse documento, tão presente, marcante e determinante na vida de todos nós, Nickolas se constitui como Nickolas Silva de Matos, cidadão. Nesta fotografia, não vejo a precoce marca que difere, segrega. Apenas um Nickolas, como um Gabriel, uma Mariana, uma Priscila, um Ricardo. E aonde chegamos?

A marca do nome. O que há antes do nome? Ponho-me a pensar. E volto a provocar. Antes de um diagnóstico médico, o que o definia? Seu nome, suas características, um Nickolas sem marcas identitárias redutoras.

Los nombres que atribuimos a otros nunca se dirigen a los otros. Los damos, pero no se los damos. No los ofrecemos: los instalamos como signos debidos en una realidad indebida. Son nombres que nonbran a los demás pero que no los llaman. No los convocan a venir, sino a quedarse quietos, a permanecer inertes. Ningún nombre ha cambiado radicalmente una relación. Son términos para usar entre pares y para volver a separar, una y otra vez, a los supuestos impares (Skliar, 2016, p. 18).

Como nomear? É possível nomear? E de que tipo de nomeação estamos falando? Costumamos atribuir nomes, os oferecemos, mas geralmente não conversamos entre nós sobre o sentido que produzem em nossas vidas. É possível não nomear?

Fotografia 3 – Rastros



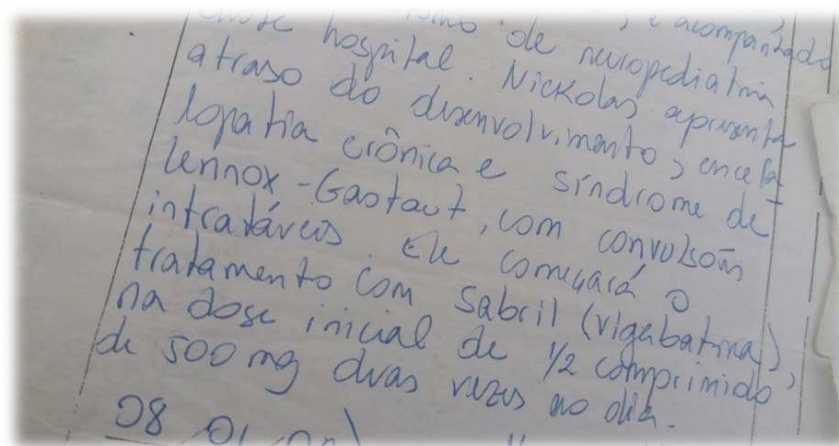
REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Fonte: arquivo pessoal, novembro 2016.

Vejo papel
Vejo caneta
Vejo nome
Vejo médico
Vejo paciente
Vejo diagnóstico
Vejo choro
Vejo mãos
Vejo corpos
Vejo rastros de uma verdade
Vejo rastros de uma mentira que me
interessa
Nickolas não é tão somente o que
dizem sobre ele (Corrêa, novembro,
2016).

Fotografia 4 – Lennox Gastaut



Fonte: arquivo pessoal, novembro 2016.

Outra faceta de um menino. Menino Nickolas. Depois de alguns anos, se descobre uma síndrome. Isso nos ajuda? A síndrome de Lennox-Gastaut (SLG) é a mais comum das *encefalopatias epiléticas intratáveis da infância*. Corresponde a 5% das epilepsias infantis, e caracteriza-se por retardo mental progressivo em 80% dos casos, com crises de múltiplos tipos. O conhecimento sobre a incidência da SLG é precário e o diagnóstico exato nem sempre é fácil.



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Geralmente se manifesta entre um e oito anos de idade, com pico entre um e três anos de idade, podendo persistir até a fase adulta. Acomete, preferencialmente, o gênero masculino. Esse momento do texto foi propositalmente escrito em termos oriundos da medicina para dinamizar e explicar, do ponto de vista clínico e científico, a síndrome nomeada Lennox Gastaut. E agora, neste momento, mais um nome entra na vida de Nickolas e dos que o cercam. Características de um Nickolas, sob os olhos de um consenso, de alguém, de “alguéns”. Uma síndrome entre várias que se tem no mundo. Características. Uma definição. Uma síndrome a mais.

Saber seu diagnóstico definido não me modificou. Não me mudou. Não me ajudou. Não me tocou como eu esperava. Continuava a ver um Nickolas que não se resume a uma síndrome. Para mim, era apenas um nome que escondia todas as outras coisas. Um Nickolas que gosta de conversar... Frases dele: “Eu vou tomar banho”; “Estou assistindo o DVD do Luan Santana”; “Meu microfone quebrou, meu pai vai comprar outro”; “Você vai voltar?”; “Minha vó está dormindo no quarto dela”; “Cadê sua mãe?”; “Eu vou para a missa, tocar violão na igreja e você?”; “Minha mãe saiu com meu pai”. Um Nickolas que quer atenção: aumenta o som do rádio; bate o pé; faz massagem; arrota. Um Nickolas que tem vontades: “Não vou tomar banho agora, vou jantar”; “Para fora, Mimi e Totó!”; “Quero suco de maracujá”; “Não desliga meu DVD”. Tudo isso, essas coisas, não estavam nas características consideradas sindrômicas.

ALGUNS ACHADOS: A ESCUTA DE SI E DO OUTRO QUE ME ATRAVESSA

É como abrir os olhos, andar na areia e sentir o vento. Sentir é viver ao seu modo e seu jeito. Arriscar nas idas, vindas e travessias que fazemos diariamente quando nos arriscamos a viver, acabaram possibilitando essa escrita entre vida e pesquisa. A pergunta que ecoava: o que pesquisar?

*Viver é melhor que sonhar
(Como nossos pais, 1976).*

A frase de Belchior, na voz de Elis Regina, provocava-me a pensar. Por que não pesquisar na vida? Aquilo que vivo? Quando me proponho a pesquisar, proponho-me a ensaiar, e, assim, proponho-me a viver. Numa pesquisa ensaística



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

[...] há que se tomar um convite a *outrar*, na medida em que a nomeação do alheio e de como essa apropriação acontece, inevitavelmente se coloca [...] *outrar* implica suspender o olhar que parte do mesmo, deslocando-se para a fronteira vertiginosa do estranhamento (Simoni; Moschen; 2012, p. 181).

Para estranhar aquilo que encontro pelo meio do caminho, me disponibilizei a *outrar*. E foi esse estranhamento que ampliou as outras formas de olhar, pesquisar, narrar, compor e ensaiar. Um estranhamento como potência. Para assim pensar e criar outras expressões, outros encontros, outras falas, outras pesquisas.

As relações que estabelecemos com as coisas, objetos, lugares, cheiros e cores, fazem a composição daquilo que pulsa em nós no encontro com outros. Outros desconhecidos que ajudam a compor aquilo que já fomos um dia, somos e ainda vamos ser. Foram nesses encontros que pude perceber, atentar, aprender com outros desconhecidos aquilo que seria impossível aprender sozinha. No encontro com Nickolas, comecei a refletir sobre aquilo que nomeamos e marcamos através de um diagnóstico. Não necessariamente, apenas um diagnóstico, pois, às vezes, marcamos na presença e/ou ausência seja de um gesto, um olhar, um toque. E, ainda, a pensar sobre os efeitos em nós e no outro que carrega esse nome, essa marca. Os efeitos de um olhar. Voltei àquilo a que geralmente nós não damos atenção. Olhei para os gestos. Um olhar direcionado aos olhos, para ver além das amarras majoritárias dos discursos sobre o outro. Latejava em minha mente essa palavra, esse gesto. Com o querido Carlos, pude inquietar-me, e suas palavras chamavam-me à conversa, ao escrever sobre “Educar la mirada” (2009). Quando fala sobre essa sensibilidade humana que exerce tamanha marca nas relações que estabelecemos e os efeitos do olhar de quem olha e para onde direciona este olhar. Que relação estabeleci e ainda estabeleço com Nickolas e com outros que encontro pelo meio do caminho?

Foi neste encontro que a problematização e o estranhamento ganharam potência, transformaram e ainda transformam minha prática, meus olhares, meus encontros. De certa forma, também um desarranjo nos *a priori* existentes em mim. Um turbulento caldeirão de alteridades, como aquilo que produzimos no encontro com o outro. Pois, é no encontro que elas, as alteridades, se apresentam, revestidas em corpo e em relação. Pensamento este que enuncia a própria relação de alteridade que revela, em nós, aquilo que consideramos

possível no encontro com aquele que supostamente conheço e/ou desconheço. Este ensaio denuncia o exercício de conversar em uma língua a ser escrita. Um exercício de escrever junto à vida, encontros e práticas. Pelos gestos, encontros e afeições. Durante o processo de pesquisa, não estávamos e não estamos terminantemente preparadas para o que estar por vir. Assim como na vida, o que pode interessar é estar disponível à experiência do encontro. Colocando-se a possibilidade de ser um professor/professora *transitante*.

Fotografia 5 – Professora *Transitante*



Fonte: arquivo pessoal, dezembro 2016.

Pesquisar, arriscar, transitar... Esta expressão *professor/professora transitante* ganhou potência ao longo da tessitura de encontros entre vida e pesquisa. Entre menina, mulher e mãe. Entre pesquisadora e professora. Torna-se um professor/professora *transitante* dá possibilidades de cartografar os passos que nos transformam como ser humano no dia a dia e na arte dos encontros e desencontros na educação. O trânsito da vida é um fluxo permanente. Por que não nos permitir embarcar no fluxo que a vida transcorre? Uma vida pulsante. Uma educação pulsante. Uma prática docente pulsante que pode vir a permitir descobertas e outros caminhos. Um trabalho que almeja ver além dos diagnósticos e dos papéis reducionistas. Quando nos permitimos transitar pelo meio do caminho, entendido como escolas, territórios, estudos,

conversas, práticas, faculdades, discursos, congressos e seja qual forem os espaços possíveis e habitáveis de pensamentos, abrimos possibilidades e caminhos para problematizar aquilo que pensamos e o que chamamos de vida. Para tanto, penso e proponho.

Transitar para estranhar. Estranhar aquilo que suponho saber, dominar e compreender. Transitar para escutar. Escutar outras vozes. Escutar outros de mim mesma e outros encontros que faço com desconhecidos. Transitar para

Descobrir o próprio passo, o próprio peso e a própria leviandade, a breve e fugaz medida dos átomos, das circunferências e das páginas escritas ou ainda em branco. Remover-nos de nós mesmos, daquilo que nós somos, daquilo que de nós se sabe: o idêntico a si mesmo não provoca nada que não seja a sandice e saturação. Dirigir-se ao mundo, às tumbas dos poetas, aos céus próximos, ao passado menos recente, a duração do frágil, aos gestos que ainda estão imóveis (Skliar, 2014, p. 128).

Transitar para olhar. Olhar aquilo que já vi e não enxerguei. Olhar com outros olhos, olhos que não sejam os mesmos de todos os dias e todas as horas. Transitar para pesquisar. Pesquisar aquilo que me move, contamina, permeia e pulsa. Pesquisar aquilo que supostamente a escrita acadêmica não considera, releva ou se interessa. Pesquisar para ensaiar, narrar e contar. Assim, proponho cartografar gestos, colher flores, olhar céus, colecionar sorrisos, fotografar olhares, narrar encontros.

REFERÊNCIAS

Barros, Manoel. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Brasil. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Dispõe sobre a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, AGU/MEC, 2015.

Brasil. Ministério de Educação e Cultura. **Lei n. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996.

Cícero, Antônio. **Guardar – Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Como nossos pais. Intérprete e Compositor: Antônio Carlos Gomes Belchior



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Fontenelle Fernandes. *In: Alucinação*. Intérprete: Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes. [S.l.]: Philips, 1976.

Corazza, Sandra. Pesquisar o acontecimento: estudo em XII exemplos. *In: Tadeu, Tomaz; Corazza, Sandra; Zordan, Paola. Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 7-78.

Corrêa, Rafaela. **Caderno de escritas e deslocamentos**, 2016 [manuscrito não publicado].

Corrêa, Rafaela. **Tecendo encontros e ensaiando processos para estar juntos na educação**: entre uma professora transitante e outros desconhecidos. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Deleuze, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 2005.

Deleuze, Gilles; Guattari, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Derrida, Jacques. **Adiós a Emmanuel Lévinas**: palavras de acogida. Madrid: Trotta, 1998.

Derrida, Jacques. **Psyché**. L'invention de l'autre. Paris: Galilée, 1987.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013.

Duschatzky, Silvia; Skliar, Carlos. Os nomes dos outros. Reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **Revista Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 25, n. 2, p. 163-177, jul./dez. 2000.

Galeano, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Janela da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Roteiro: João Jardim. Direção de fotografia: Walter Carvalho. Montagem: Karen Harley e João Jardim. Brasil: Copacabana Filmes, 2001. (73 min).

Kastrup, Virginia. Inventar. *In: Fonseca, Tania Mara; Nascimento, Maria Lívia Do; Maraschin, Cleci. Pesquisar na diferença*: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. p.141-143.

Kastrup, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *In: Passos, Eduardo; Kastrup, Virginia; Escóssia, Liliana da (org). Pistas do Método da*



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

Larrosa, Jorge; Kohan, Walter. Apresentação da Coleção. *In:* Rancière, Jacques. **O mestre ignorante:** cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 13-14.

Larrosa, Jorge. A novela pedagógica e a pedagogização da novela. *In:* Larrosa, Jorge. **Pedagogia Profana:** danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 117-138.

Larrosa, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan. /abr. 2002.

Larrosa, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2003.

LarrosaA, Jorge; Skliar, Carlos. **Habitantes de Babel:** Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Lourau, René. **Análise Institucional e Práticas de pesquisa.** Rio de Janeiro: UERJ, 1993.

Lispector, Clarice. **Um sopro de vida.** Madrid: Siruela, 1999.

Moysés, Maria Aparecida. **A institucionalização invisível:** crianças que não aprendem na escola. 1. reimp., ed. rev. aum. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

Orlandi, Luiz B. L. **Um gosto pelos encontros.** São Paulo: 2014.

Passos, Eduardo; Barros, Regina Benevides de. Por uma política de narratividade. *In:* Passos, Eduardo; Kastrup, Virginia; Escóssia, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009a. p. 150-171.

Passos, Eduardo; Kastrup, Virginia; Escóssia, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009b.

Pérez de Lara, Nuria. Identidade, Diferença e Diversidade: manter vida a pergunta. *In:* Larrosa, Jorge; Skliar, Carlos. (Orgs.). **Habitantes de Babel:** Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p 195-214.

Pessoa, Fernando. **Poesias Inéditas** (1930-1935). Lisboa: Ática, 1990.



Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

Placer, Fernando. O outro hoje: uma ausência permanentemente presente. *In*: Larrosa, Jorge; Skliar, Carlos (org.). **Habitantes de Babel**: Políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Simoni, Ana Carolina; Moschen, Simone. Outrar. *In*: Fonseca, Tânia; Nascimento, Maria Lívia; Maraschin, Cleci (org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Editora Salina, 2012. p. 177-180.

Skliar, Carlos. Abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). **Educação & Exclusão**: Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 1997. p. 7-20.

Skliar, Carlos. Los sentidos implicados en el estar-juntos de la educación. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, Universidad de Antioquia, Facultad de Educación, v. 22, n. 56, enero/abr., p. 101-111, 2010.

Skliar, Carlos. De La razón jurídica hacia una ética peculiar. A propósito Del informe mundial sobre el derecho de La educación de personas con discapacidad. **Revista Política y Sociedad**, Madrid, v. 27, n. 1, p. 153-164, 2010a.

Skliar, Carlos. Conversar e Conviver com os Desconhecidos. *In*: Fontoura, Helena Amaral da (org.). **Políticas Públicas, Movimentos Sociais**: desafios à pós-graduação em educação em suas múltiplas dimensões. Rio de Janeiro: ANPED Nacional, 2011. p. 27-37.

Skliar, Carlos. **Desobedecer a linguagem**: educar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Skliar, Carlos. Educar la mirada. **Revista Sinpuntero**, [S./l.], n. 3, jul. 2009.

Skliar, Carlos. El lenguaje de la norma y los individuos frágiles. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 371-389, maio/ago. 2016.

Skliar, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Wheless, James; Constantinou, John. Lennox-Gastaut syndrome. **PediatrNeurol**, New York, USA, ed. 17, p. 203-211, 1997.

Submissão em 1 de maio de 2024.

Aceite em 13 de agosto de 2024.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0



REVISTA
interitórios

Interitórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>

*Vida-escrita-inclusão-formação:
a arte de ensaiar e compor pesquisa em educação a partir dos encontros*

Internacional. Texto da Licença:
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



REVISTA
interterritórios

Interterritórios | Revista de Educação
Universidade Federal de Pernambuco,
Caruaru, BRASIL | V.10 N.9 e262740 [2024]
**Dossiê Experimentações culturais cotidianas,
diversidade, movimentos de resistência e
criação: ou sobre outras éticas, estéticas,
poéticas e políticas de vida**
<https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.262740>